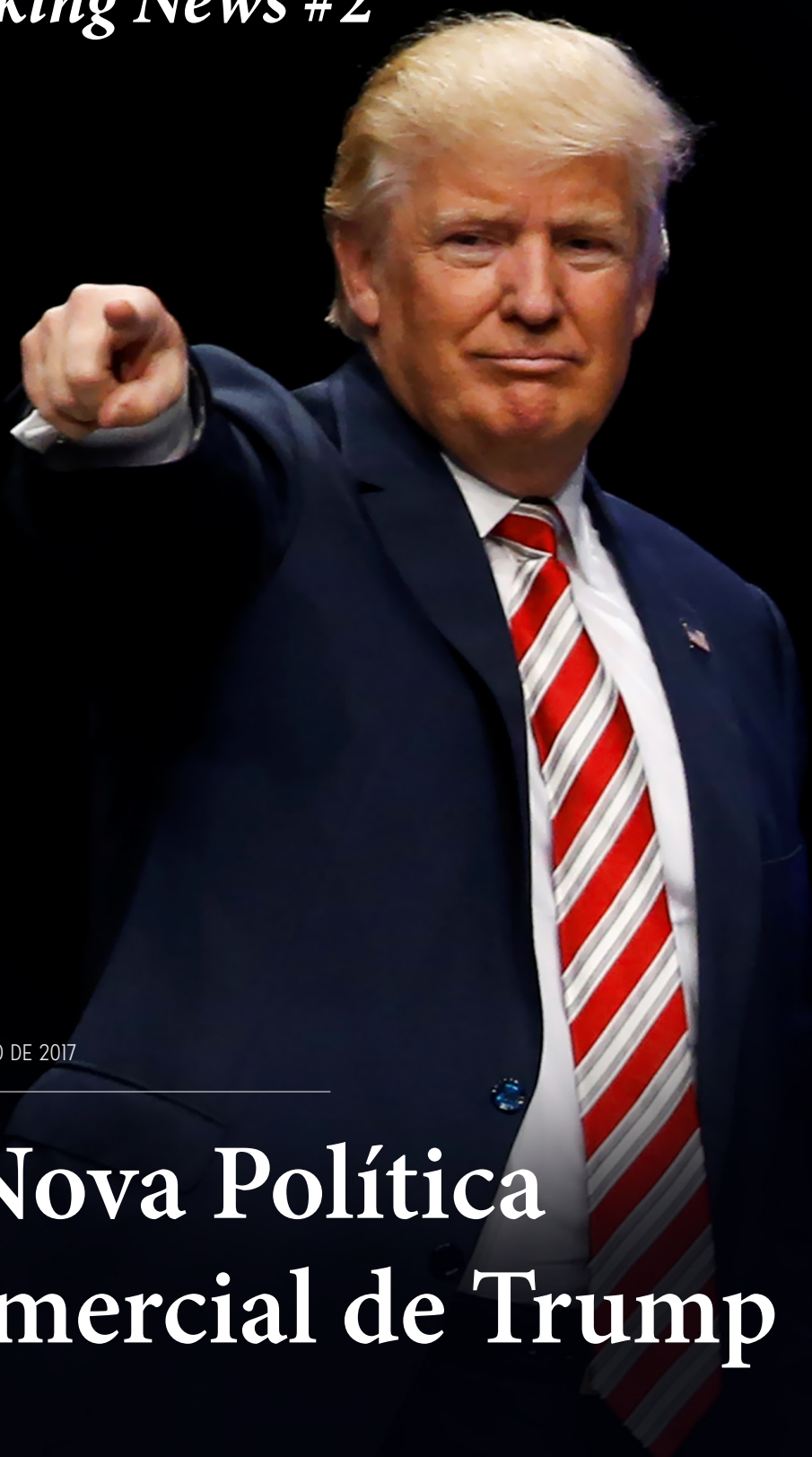




CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #2



2 DE FEVEREIRO DE 2017

A Nova Política Comercial de Trump

Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

Ao longo de mais de dezoito anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas e pela envergadura de seu Conselho Curador.

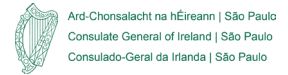
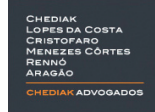
Conectado à agenda internacional, o CEBRI identifica e analisa as mais relevantes questões internacionais, promovendo o engajamento entre a produção de conhecimento e a ação política.

www.cebri.org

EXPEDIENTE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Galli de Amorim** | Coordenadora de Projetos: **Luciana Gama Muniz** | Consultor em Comunicação e Conteúdo: **Nilson Brandão** | Supervisora de Comunicação e Eventos: **Bárbara Brant Oliveira Andrade** | Analistas: **Ariane Costa dos Santos** | Assistentes: **Camila Guedes de Menezes Sabino**; **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Estagiários: **Carina de Souza Torres Faria**; **Mariana Guimarães de Souza**; **Vitor Burckarte Patelli** | Voluntários: **Gabriel de Barros Torres**; **Larissa Soares dos Santos**.

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Candelária, 9 - Grupo 201 - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 20091-020 - Tel: + 55 21 2206-4444 - cebri@cebri.org.br - www.cebri.org.br.

MANTENEDORES CEBRI:



PARCEIROS DE PROJETOS:



CEBRI *Breaking News* é uma série de debates sobre os mais atuais temas da agenda global, promovida pelo Centro Brasileiro de Relações Internacionais. Estruturado a partir das contribuições de uma ampla rede, que inclui membros da governança do CEBRI – empresários, embaixadores e acadêmicos – e *senior fellows* externos, o projeto combina conteúdo de qualidade e *timing*. Além da cuidadosa curadoria, os debates envolvem mediação e contribuição direta de membros do Conselho Curador da instituição.

Nesta edição, o CEBRI *Breaking News* aborda o tema “Nova Política Comercial de Trump”, debate que ocorreu no dia 2 de fevereiro de 2017, na sede da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). No debate, foram abordados temas desde se, de fato, existe uma política comercial definida na atual administração americana até quais seriam os sinais mais visíveis das novas diretrizes e que oportunidades poderão surgir para o Brasil.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos palestrantes pela participação: **Embaixador Roberto Abdenur** (Conselheiro do CEBRI), **Marcos Troyjo**, Professor da Columbia University em Nova York, **Aluisio de Lima-Campos**, Professor da American University, e **Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa** (Vice-Presidente do CEBRI), que abriu e encerrou o evento. Destacamos e agradecemos, ainda, a Firjan pela parceria com o CEBRI para a realização do debate.

2 DE FEVEREIRO DE 2017

A Nova Política Comercial de Trump

Um dos aspectos mais intrigantes do novo governo americano, junto ao noticiário que irrompe semanalmente sobre outros temas com maior ou menor dose de polêmica, é a política comercial que o Presidente Donald Trump implementará de agora em diante. O protecionismo traz inquietações significativas. A forma como os Estados Unidos se relacionarão na dinâmica das trocas comerciais com o resto do mundo levanta questões que vão desde se existe e qual é, exatamente, esta política e seus impactos potenciais no comércio internacional e no processo de globalização, até quanto ao risco de endurecimento das relações entre países e da contaminação da geopolítica e segurança mundiais. Num sentido pragmático, traz questões sobre como o governo e o setor produtivo brasileiros podem e devem interagir neste momento e que oportunidades podem surgir.

Questões como estas foram respondidas e perspectivas em torno do tema foram alargadas ao longo do segundo debate CEBRI *Breaking News* deste ano, que reuniu o Conselheiro do CEBRI, Embaixador Roberto Abdenur, o Professor da Columbia University em Nova York, Marcos Troyjo, e o Professor da American University, Aluisio de Lima-Campos, com abertura a cargo do Vice-Presidente do CEBRI, Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa, no auditório da Firjan. A questão inicial localiza uma espécie de marco da discussão: terá, de fato, o Governo Trump uma Política Comercial? No limite, o que parece ser a nova forma de atuação quanto ao resto do mundo põe em risco a evolução do processo de globalização? Ou poderia, ao contrário, representar uma espécie de antígeno para ativar e refundar, dentro de alguns anos, uma nova etapa da globalização, amadurecida e mais avançada?

Negação do Comércio Internacional

“Será que Donald Trump tem uma política tão agudamente protecionista que visa quase, até, à negação do próprio comércio internacional?”, questiona o Embaixador e Conselheiro do CEBRI Roberto Abdenur. Na perspectiva do diplomata, o atual presidente americano enxerga a balança comercial com os outros países como um jogo em que se ganha ou se perde – como se ganhos comuns não existissem. Como agravante, déficits comerciais com países como a China e o México representam apenas perdas diretas de empregos nos Estados Unidos, na visão da atual administração americana. “É verdade que a globalização e o comércio externo em alguns casos levam sim à perda de empregos, mas criam muitos outros”, pondera Abdenur, lembrando que há outras causas para a redução do emprego americano, como inovações tecnológicas, robotização em substituição ao emprego industrial e o uso crescente da tecnologia da informação.

A forma de encarar o comércio internacional de produtos por parte de Donald Trump deixa ainda de lado dimensões relevantes nas relações econômicas internacionais, como o comércio de serviços e o fluxo de capitais entre países. Ainda mais levando em conta a quantidade de empresas transnacionais americanas, com bases produtivas, operações e geração de dividendos a partir do exterior. Junto à atitude protecionista, o novo governo vem demonstrando pouco caso com instituições e organizações multilaterais, como a OMC (Organização Mundial do Comércio), OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), União Europeia, a própria ONU (Organização das Nações Unidas). “Isso põe em risco a chamada ordem internacional liberal vigente desde a Segunda Guerra Mundial, que tem favorecido um grande período de paz e prosperidade no mundo inteiro”, alerta.

Contornos do protecionismo

Seis decisões ou indicações deixam transparecer o grau de protecionismo no atual governo, indica Abdenur, que foi embaixador nos Estados Unidos.

- Decisão de saída da Parceria Comercial Transpacífico, uma guinada com relação ao *Pivot to Asia* do Governo Obama;
- Ameaça de renegociar ou desfazer o Nafta (Acordo de Livre Comércio para a América do Norte);
- Apoio entusiasmado à saída do Reino Unido da União Europeia;
- Ameaças de medidas para que empresas americanas evitem transferir empregos para outros países;
- Percepção da China como manipuladora de câmbio e possível imposição de tarifas abusivas sobre a importação de produtos chineses;
- Criação de barreiras a imigrantes e refugiados, espécie de “protecionismo humano”, que já encontra resistências internas nas empresas e organizações civis americanas.

Professor da American University, Aluísio de Lima-Campos explica que a política externa americana pode ser resumida, atualmente, em duas expressões: “Compre América” e “Empregue Americanos”. Simplificados, os *slogans* emergem da leitura do discurso de posse do presidente americano, em 20 de janeiro de 2017. Podem ser depreendidos de trechos da fala de Trump: “Toda decisão em comércio, impostos, imigração, relações internacionais será feita em favor dos trabalhadores americanos e das famílias americanas”. Na mesma direção, o discurso também registra que “a proteção vai levar a uma grande prosperidade” e deixa o compromisso de “trazer de volta os nossos empregos”.

Se parece incomum que pela primeira vez o país, considerado dos mais liberais do

mundo, experimentará uma agressiva política protecionista, também uma inédita *troika* (expressão russa que designa comitê de três integrantes ou personagens em mesmo nível hierárquico com objetivos comuns) cuidará da política comercial. “O USTR (Representante Comercial Norte-Americano) vai perder o poder absoluto que tinha anteriormente, quando apenas consultava o Conselho de Segurança Nacional na Casa Branca para as decisões de política comercial”, diz o professor da American University. As indicações são de que um Secretário de Comércio com papel de liderança na política americana e um novo Conselho Nacional de Comércio (CNC) completarão a tríade.

À frente do CNC estará Peter Navarro, PhD em Economia por Harvard e autor do livro “A Morte pela China”. Como registro, a capa do livro de Navarro traz o mapa dos Estados Unidos cravado ao meio por um facão, com sangue escorrendo da ferida. O bilionário Wilbur Ross, com investimentos em siderurgia e carvão, será o Secretário de Comércio. O advogado Robert Lighthizer, ativo defensor da indústria americana do aço, será o novo Representante de Comércio dos EUA. “Se combinarmos cada um desses componentes da *troika* vemos que estão todos do mesmo lado. Se isso não indica protecionismo, eu não sei o que indica ser protecionista”, afirma o professor da American University, parafraseando o Embaixador Abdenur. Ao grupo, junta-se o Secretário do Tesouro, Steven Mnuchin, com papel importante em temas como o Ajustamento Tarifário de Fronteira (BAT, no inglês).

Em linhas gerais, prossegue Lima-Campos, a tendência será os Estados Unidos perseguirem acordos bilaterais, já que Trump vê-se como um negociador nato e os Estados Unidos têm maior alavancagem neste tipo de acordo, diferentemente do que nos plurilaterais e multilaterais. São esperados adicionalmente dispositivos de defesa contra a manipulação cambial, a aplicação do “Compre America” (*Buy America*, no inglês) para o gigantesco programa de obras de infraestrutura previsto e o desestímulo à produção de origem americana em outros países. Este desincentivo poderá ocorrer por meio do Ajustamento Tarifário na Fronteira ou por meio de “tarifas punitivas” para China ou México, de 30% a 40%. Na visão de Lima-Campos, a sobrecarga tarifária a um país ou outro tem pouca chance de acontecer, porque poderia ser derrotada na OMC. Mas, o BAT tem boas chances de ser aprovado. Nesse caso, segundo a proposta em discussão no Congresso, apenas a renda doméstica da pessoa jurídica, menos custos domésticos, passaria a ser tributada e a uma alíquota que cairia dos atuais 35%/40% para algo entre 15% e 20%. As importações não seriam dedutíveis como custo, o que incentivaria a produção doméstica.

De resto, em linha com o projeto de proteção à indústria local, pode-se antever expedientes como a utilização da defesa comercial, antidumping, subsídios e salvaguardas. “Isso é o que se pode esperar da política comercial americana, de forma sintética”, conclui Lima-Campos. O Professor da Columbia University Marcos Troyjo complementa que, na prática, o protecionismo comercial dessa natureza não difere muito de uma política tradicional de importações e deve ser visto conjuntamente ao que se conveniou chamar de *trumpomonic*, trio econômico que envolve os pilares da desoneração

tributária e política fiscal expansionista, forte investimento em infraestrutura e protecionismo comercial. “Não podemos ver a política comercial desgarrada dos outros pilares”, lembra Troyjo.

Anacronismo e perspectiva estagnada

“Não é verdade que Trump é um proponente, um projetista de uma nova fase de desglobalização na economia mundial. Ele já chega atrasado”, pondera o Professor da Columbia University. Troyjo situa o período de globalização mais intenso desde a queda do muro de Berlim (1989) até a crise do mercado imobiliário americano (2008) e a queda do banco Lehman Brothers. Depois disso, sobreveio recessão e expressiva freada nas trocas internacionais como geração de riqueza. “O mundo tem hoje menos livre circulação de bens e serviços do que havia há oito anos”, argumenta Troyjo, citando artigo de Aluisio de Lima-Campos que demonstra como o comércio internacional tem crescido abaixo da variação do produto mundial bruto desde então.

Troyjo lembra que a própria vitória do Presidente François Hollande sobre Nicolas Sarkozy em 2012 representou “uma França mais francesa do que engajada no mundo”, como exemplo do avanço da predominância da cena local ante o sentido global. Ele reconhece que a desglobalização pode ser aprofundada ainda mais na Era Trump. E traça um paralelo com o governo republicano de Ronald Reagan (1981 a 1989): “Assim como o Governo Reagan chamou a URSS de o Império do Mal, para a Casa Branca atual, o Império do Mal hoje é o Comércio Internacional”. Mas não deixa de ressaltar: “Que ninguém se engane. Esse atual período de desglobalização vai durar menos do que a gente imagina. Nós vamos reencontrar um caminho, aquilo que chamo de reglobalização”.

Com base na ótica americana atual para o cenário internacional, Troyjo trabalha com três perspectivas:

- **Blefe funcional** – Nesta dimensão, o Presidente Trump traz para a administração pública a prática negocial que usa na gestão privada. Assim, quando ameaça a China com tarifas punitivas de 40%, estaria na prática tentando fazer com que o governo chinês reduza o escudo de proteção às próprias empresas de economia mista. Quando indica que rasgará o Nafta, estaria perseguindo reduzir assimetrias; quando critica duramente organismos multilaterais, forçaria correções de distorções nas entidades.
- **Dores de cabeça dentro da regra do jogo** – Aqui surgiriam muitos contenciosos, inevitáveis reuniões ministeriais, encontro de Chefes de Estado, atuação intensa da diplomacia. Um nível de tensão até o atingimento de objetivos e ajustes profundos nas questões mencionadas no item anterior.
- **Confrontos de maior gravidade entre países** - Neste cenário, haveria uma con-

taminação direta da geopolítica mundial, com demonstrações de força não apenas comerciais, mas nas áreas de segurança e defesa, mesmo que não envolvam confrontos diretos entre países. Seriam ameaças de avanço militar ou medidas graves, com ampliação unilateral de medidas punitivas ou suspensão de acordos como encomendas bilionárias de produtos entre dois países.

“Um aumento no tom da retórica nacionalista representa aumento da retórica militarista. Existe quase um cordão umbilical de transmissão entre protecionismo nacional e o militarismo”, detalha o professor da Columbia University. No momento, contudo, parece mais real que a política protecionista acabará não dando certo no médio prazo e que a própria globalização retorne em maior intensidade e fortalecida. Mas, no curto prazo, a administração poderá alcançar objetivos diante de indicadores econômicos não dramáticos herdados do Governo de Barack Obama – desemprego relativamente baixo (4,5% a 5%) e crescimento do PIB (1,6%), modesto mas não irrelevante. Efeitos estes que poderão perdurar até outubro de 2020, período da próxima campanha presidencial americana.

Brasil e América Latina

Restaria o que ao Brasil, fora da rota de colisão imediata com os Estados Unidos mas dentro da turbulência global que a nova administração americana poderá produzir? Uma das preocupações do Embaixador Roberto Abdenur diz respeito à dinâmica do Congresso americano quanto ao Sistema Geral de Preferências (pelo qual países desenvolvidos abrem mercados a parcela de produtos exportados por países menos desenvolvidos). O risco são as ondas protecionistas que surgem ciclicamente no Congresso americano para eliminar o Brasil do sistema, por ser relativamente mais desenvolvido que os demais, e que poderão se tornar mais intensas na atual administração federal. A favor do Brasil, conta a política mais lúcida com relação aos Estados Unidos durante os últimos dois anos.

“Acho que, apesar de tudo, o Brasil tem condições de avançar na pauta comercial na relação com os Estados Unidos. Não seria nada espetacular, mas avanços pontuais e positivos”, afirma o Conselheiro do CEBRI. Aluisio de Lima-Campos vai além e indica que as decisões americanas quanto a parceiros como México e China podem favorecer o Brasil. Ele considera que a rejeição do Governo Trump ao TPP é excelente: “Se olharmos em termos de benefícios do livre comércio, é péssimo. Se olharmos em termos de Brasil, não é não”. A denúncia do TPP pelos EUA evitou que concorrentes importantes dos produtos brasileiros tivessem acesso privilegiado ao mercado norte-americano. Em paralelo, parte do setor empresarial brasileiro vem defendendo acordo bilateral com os Estados Unidos e esta poderá ser a hora de reforçar o pleito.

O Professor da American University acredita que os efeitos do enfraquecimento ou ruptura do TPP já estão no radar de países latino-americanos. O Chile, por exemplo, já iniciou contatos para receber todos os parceiros do TPP para conferência em março,

incluindo China e Coreia do Sul. O objetivo do Chile, a seu ver, seria possivelmente de buscar integrar o que restar do TPP aos acordos RCEP (Parceria Regional Econômica) e Asean (Associação das Nações do Sudeste Asiático). “Será que o Brasil não deveria avaliar a possibilidade de também participar desse grupo? É algo a pensar. Se realmente houver esta fusão, será o maior acordo do mundo”, argumenta. Mesmo a renegociação do Nafta seria potencialmente positiva ao Brasil, “porque o México vem tirando mercado do Brasil nos Estados Unidos há 10 anos”. “Agora, esse é um trabalho que nós temos de fazer. Os Estados Unidos não virão a nós para este tipo de coisa”.

Marcos Troyjo duvida se a tendência de avanço dos acordos bilaterais com os Estados Unidos deverá mesmo progredir. De outra forma, não vê também chances expressivas de o Brasil alcançar este objetivo. “O apetite dos americanos em negociar um acordo de livre comércio com o Brasil é nenhum. Creio que isso não vai acontecer. Mesmo se o governo brasileiro tomasse esta iniciativa, não há ambiente para isso. E ainda que acontecesse e as barreiras caíssem, as deficiências de o Brasil harmonizar competitividade, quadros tributários, trabalhistas e ambiente de negócios são muito grandes. Coreia do Sul e China se tornaram grandes potências sem acordos comerciais. A estratégia comercial precedeu acordos comerciais”, diz Troyjo.

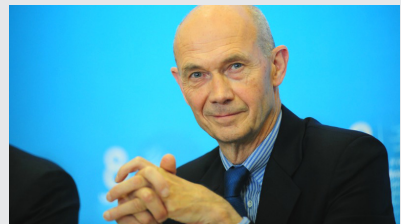
O Vice-Presidente do CEBRI, Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa, questiona, ainda, se a ruptura do TPP impactaria diretamente o Brasil, ainda que seja esperado que o México venha exercer nova pressão, neste cenário, sobre a América do Sul. Ele reconhece que o México tem influência e capacidade de atração sobre os países andinos – Colômbia, Peru, Equador e Chile – que historicamente tiveram preocupação defensiva com relação ao Brasil. Mas deixa, independente das chances de o Brasil prosperar frente aos Estados Unidos, a reflexão de que o país precisará definir o que busca com o parceiro americano. “Temos (o Brasil) uma dificuldade imensa de saber o que queremos dos Estados Unidos e isso inibe o Brasil de fazer a pressão que todos os outros grandes países fazem no Congresso americano”, completa o Vice-Presidente do CEBRI.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Integração produtiva

Veja a entrevista do Comissário da União Europeia (UE) de 1999 a 2004 e Diretor-Geral da Organização Mundial do Comércio (OMC) de 2005 a 2013, Pascal Lamy, ao jornal *Valor Econômico*, onde traça a força da globalização.

Lamy prevê “Trump soft” em comércio



<http://www.valor.com.br/politica/4849530/lamy-preve-trump-soft-em-comercio>

“

Donald Trump tem uma atitude mercantilista em relação ao comércio internacional. Vê a balança comercial dos Estados Unidos como um jogo que soma zero. Não percebe que muitas vezes os dois lados ganham e deixa de ver aspectos como o comércio de serviços e o fluxo de capital.”

Embaixador Roberto Abdenur

“

Temos (o Brasil) uma dificuldade imensa de saber o que queremos dos Estados Unidos e isso inibe o Brasil de fazer a pressão que todos os outros grandes países fazem no Congresso americano.”

Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa,
Vice-Presidente do CEBRI

“

Não é verdade que Trump é o proponente, o projetista de uma fase de desglobalização da economia mundial. Ele já está chegando atrasado. O mundo hoje tem menos circulação de bens e serviços do que há oito anos.”

Marcos Troyjo, Professor
da Columbia University

“

Estados Unidos terão, pela primeira vez, uma troika (para a política comercial). O USTR vai perder o poder absoluto que tinha anteriormente. Esta equipe não servirá para desfazer qualquer tipo de ideia de que a administração Trump não terá tendência protecionista. Ao contrário.”

Aluisio de Lima-Campos, Professor da American University,
College of Law



Biografias

Aluísio de Lima-Campos

É Presidente do ABCI Institute. Trabalhou na Embaixada do Brasil como especialista de política comercial e conselheiro econômico. Ainda na Embaixada, Lima-Campos fundou um programa de treinamento em política comercial para o governo e profissionais do setor privado. Em 2007, começou a lecionar na American University como professor-adjunto em Washington College of Law, onde lidera três cursos sobre comércio: "International Trade Policy: Theory and Practice", "Regional Trade Agreements" e "Trade and Diplomacy".

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

O Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa é Vice-Presidente do CEBRI. Serviu como Chefe de Missão no México, na Espanha, na Argentina, na Delegação do Brasil em Genebra (ONU e OMC), na Alemanha, na Santa Sé e no Consulado Geral em Nova York. No Brasil, desempenhou-se por duas vezes na Presidência da República: Assessor do Chefe do Gabinete Civil (1983/1985) e Conselheiro Internacional do Presidente da República (1987/1989). Foi Secretário Geral do Ministério das Relações Exteriores (Vice-Chanceler) em duas oportunidades (1992 e 1999-2001).

Marcos Troyjo

Marcos Troyjo é diretor do BRICLab na Universidade Columbia, em Nova York, um fórum sobre Brasil, Rússia, Índia e China. Ele é professor da Columbia-SIPA, School of International and Public Affairs. É colunista semanal do jornal Folha de S. Paulo e colaborador regular de The Huffington Post e CNN em Espanhol. O professor Troyjo é autor de livros sobre desenvolvimento e assuntos globais, como Nação-Comerciante: Poder & Prosperidade no Século 21, relacionado pela revista 'Americas Quarterly' como um dos melhores livros sobre política, economia e negócios em 2007. Seu livro mais recente é Desglobalização: Crônica de um Mundo em Mudança.

Roberto Abdenur

O Embaixador Roberto Abdenur é membro do Conselho Curador do CEBRI. Foi Vice-Ministro das Relações Exteriores e Embaixador do Brasil no Equador, China, Alemanha, Áustria e Estados Unidos. Após aposentar-se, tem atuado como consultor de empresas, ademais de dedicar-se ao estudo e debate de temas internacionais.

Conselho Curador CEBRI

Presidente do Conselho Curador
José Pio Borges de Castro Filho

Vice-Presidentes do Conselho Curador
José Luiz Alquéres
Luiz Felipe de Seixas Corrêa
Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos
Daniel Miguel Klabin
José Botafogo Gonçalves
Luiz Augusto de Castro Neves
Rafael Tiago Juk Benke

Conselheiros
Armando Mariante
Armínio Fraga Neto
Carlos Mariani Bittencourt
Celso Lafer
Claudio Roberto Frischtak
Denise Nogueira Gregory
Gelson Fonseca Junior
Henrique Costa Rzezinski
José Aldo Rebelo Figueiredo
Luiz Fernando Furlan
Marcelo de Paiva Abreu
Marco Aurélio Garcia
Marcos Castrioto de Azambuja
Maria Regina Soares de Lima
Pedro Sampaio Malan
Renato Galvão Flôres Junior
Roberto Pinto Mameri Abdenur
Roberto Teixeira da Costa
Roberto Giannetti da Fonseca
Ronaldo Camargo Veirano
Ronaldo Mota Sardenberg
Sérgio Franklin Quintella
Sérgio Silva do Amaral
Vitor Sarquis Hallack
Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2017 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org